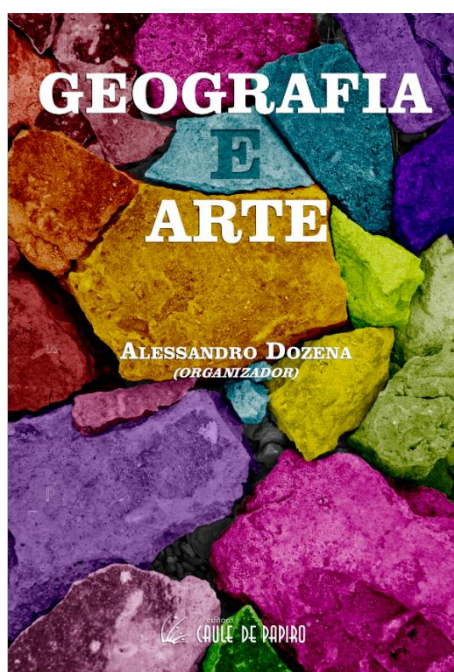

RESENHA

GEOGRAFIA E ARTE (2020)

João Rodrigues da Silva Bisneto¹ <https://orcid.org/0000-0003-3135-2263>

¹ Mestrando em Geografia – PPGEU-UFRN. E-mail: joao.r.s.bisneto@gmail.com



Pensar em Geografia é pensar na espacialização da ação humana, e pensar em arte é pensar na manifestação da ação humana, ambas ações intencionadas, planejadas, que possuem um objetivo, por vezes despretensioso, mas nunca desligado da realidade e da comoção. O livro *Geografia e Arte* promove esse contato entre o espaço de atuação e manifestação humana, apresentando diálogos diversos, que contemplam o interesse maior de consolidar a trajetória de estudos de pesquisadores reconhecidos, que ao longo de suas pesquisas, esgarçaram os enquadramentos pretensamente impostos à geografia acadêmica.

O livro possui onze (11) capítulos no total, destaca-se o Prefácio e o Posfácio, assinados, respectivamente, por Paulo César da Costa Gomes e Werther Holzer. Cada capítulo



é uma produção individual, mas que, em conjunto costuram o sentido geral do livro, que de forma poética apresentam a proximidade entre a Geografia e as Artes.

No primeiro capítulo, Marcelo Sousa Brito e Angelo Serpa, propõem uma leitura multiescalar da vida cotidiana, na qual o conceito de Corpo-Lugar ganha destaque. O Corpo-Lugar consegue captar a capacidade humana em se adaptar aos diferentes contextos (e adaptá-los) e concentrar o conjunto de experiências e lugares vivenciados, como uma tatuagem cartográfica. O capítulo ainda chama atenção para a realidade atual da pandemia de Covid-19, impondo uma nova dinâmica de uso e percepção dos espaços públicos e privados, no qual restou o recorte espacial mais próximo para a atuação de muitos profissionais, a casa.

O segundo capítulo, escrito por Antonio Carlos Queiroz Filho, apresenta a construção do corpo dançante em uma geografia bailarina, que do horizonte de liberdade dos movimentos, padece em dores limitantes. O corpo limitado é um chamado para uma autorreflexão. Assim as limitações impuseram uma nova compreensão, que o autor chama de corpo-geo-grafia, ou “a grafia de mundo a partir do corpo” (p. 68). O corpo que é entrecruzado pelas memórias e construções espaciais, que possui e é possuído por elasticidade-rigidez, dor-alívio, felicidade-tristeza. O autor convida o leitor para parar e perceber o corpo em sua dimensão mais sensível, e a partir daí elaborar uma investigação única, sobre o mundo a partir de si.

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior e Maria Geralda de Almeida, apresentam, no terceiro capítulo, as propostas de museu parque Inhotim (Minas Gerais) e no *Centre d'Arts et Nature* (França), na integração da arte com o ambiente natural, e busca por meio da fenomenologia uma análise imersiva em quatro instalações artísticas. As instalações (obras-lugares) chamam atenção ao habitar, mas não apenas ao habitar do ser-humano, mas a um "habitar mais-que-humano", no qual os artistas mesclam ambientes abertos e fechados, moradias humanas e não humanas. O que leva a uma leitura poética do habitar, do criar laços com os lugares, e com a realidade terrestre, revelando que a necessidade de proteção e de fixar moradia não é traço único do “bicho homem”. Da casa onde o externo é quem chama atenção, até a casa nas alturas, os autores correlacionam as obras no enredo basilar sobre os modos de habitar o mundo.

No quarto capítulo, Valéria Cazetta, faz a leitura de duas obras, uma literária (*The illustrated man*) e outra televisiva-audiovisual (*Blindspot*), na qual ambas se conectam a despeito da diferença de tempo existente entre elas. A conexão feita parte das tatuagens inscritas nos corpos dos personagens principais que podem ser entendidas como mapas, pistas, caminhos, que se abrem para leituras diversas, funcionam como arquivos vivos que

encarnam na pele a trajetória espaço-temporal de ambas as histórias. O objetivo é demonstrar a tatuagem como um elemento capaz de expandir traços culturais, símbolos que estão abertos a leituras e que possuem elementos pedagógicos.

Carlos Eduardo Cinelli Oliveira de Campos e Marcos Alberto Torres destacam, no quinto capítulo, a capacidade narrativa como instrumento para contar sobre si e sobre seu lugar. Decodificar e ressignificar a própria forma de se estabelecer a partir do espaço vivido, se esclarece a partir das narrativas elaboradas, pois, "o narrador de histórias se torna aquela pessoa que com suas palavras, gestos e objetos se torna um abridor de mundos" (p. 193). E que poder tem a narrativa? Criar e recriar mundos, personagens, perpetuar conhecimentos tradicionais ou desconstruir certos entendimentos. As histórias contadas se reverberam em imagens que nos transportam para lugares, paisagens e geografias únicas.

No sexto capítulo, Eugênia Maria Dantas propõe uma narrativa complexa do conhecimento geográfico. E o estabelece ao delinear pistas para o reconhecimento das dualidades na realidade terrestre, de ordem e caos, infinito e finito, poético e prosaico. Tais pistas dialogam com os saberes da experiência, vivida, localizada, na qual se aprende e ensina, elas educam o olhar e a consciência para uma perspectiva geográfica ampliada na qual, o ensino de Geografia, tem aí papel fundamental.

O sétimo capítulo, escrito por Rodrigo Ramos Hospodar Felipe Valverde e Bruno Picchi, é um passeio pelas artérias abertas do Recife ou da "manguetown". O texto explora os aspectos socioespaciais que eclodiram com a cena "manguebit" no Recife da década de 1990. E dialoga que esse ritmo, estilo de ser/pensar e ação de luta social, intrinsecamente ligado ao manguezal, mistura artes plásticas com letras manifestos baseados no cotidiano urbano. De tal modo que a expressão artística do "manguebit" ganhou corporeidade física em alguns pontos das cidades do Recife e em Olinda, repercutindo, geograficamente, a influência do movimento.

Pablo Sebastian Moreira Fernandez, no oitavo capítulo, constrói um texto caminhante, que expressa em suas linhas as trajetórias imagéticas dos migrantes que demovem fronteiras. Sejam "migrantes" científicos numa dissolução das fronteiras impostas entre os saberes, sejam os seres migrantes que almejam transpassar limites imaginários (materializados em muros) dos países. Caminhar e assim transpassar territórios, evidencia a "existência de uma conexão do corpo com o mundo" (p. 291) uma conexão que tentam enquadrar, manipular, cercear, mas é inata ao homem na Terra.

No capítulo nove o objeto 'chave' ganha outros significados que apenas o mecânico de abrir/fechar portas. Valéria Amorim do Carmo e Juliana Maddalena Trifilio Dias detalham

por meio de fotografias, poemas, estilos gráficos e um texto transcrito as vezes na primeira pessoa do singular as vezes em primeira pessoa do plural, o Lugar Geopsíquico que demove as memórias dos oficinairos do VII Seminário Nacional sobre Geografia e Fenomenologia em 2016. Na ocasião "os relatos, em sua maioria, trouxeram na palavra memórias e referências de experiências vividas em suas geografidades a partir do que a fotografia lhes mostrou e provocou" (p. 316). O que fortifica o fato geográfico como algo que atravessa a trajetória das pessoas, e marca a memória em várias camadas.

Neusa de Fátima Mariano, no décimo capítulo, evidenciou a importância da luta feminina em sua plena realização social. A partir do projeto de extensão Cine com Elas, conduzido por alunas da UFSCar-Sorocaba, foram abertos espaços de reflexão de personagens femininas que deixaram grandes marcas na história e que, de certo modo, suas histórias se refletem nas de outras mulheres diariamente. A autora constrói uma pesquisa sobre esse lapso que ocorreu nas sociedades, no qual a imagem feminina deixa de ser símbolo de fertilidade, alimentação e vida e passa a ser de submissão ao poder forte e explosivo masculino. As pautas femininas desenvolvidas, que partiram do Cine com Elas são verdadeiros núcleos de mudança social, para que outras geografias sejam possíveis para todas as mulheres.

O último capítulo, escrito pelo organizador do livro, Alessandro Dozena, apresenta em diálogo a geografia e a arte. O que de certa forma se conecta com o título do livro e com todas as ideias e contribuições presentes nos capítulos anteriores. O capítulo possui o objetivo de demonstrar que "a arte atualmente produzida em contextos espaciais distintos pode complementar o conhecimento geográfico" (p. 378). E assim esse encontro se estabelece nas intervenções artísticas sobretudo nos ambientes urbanos, em planos de revitalizações de áreas centrais para usos culturais, o uso de espaços para encontro de grupos musicais, de tradições populares e outros. Esse diálogo é fortuito e pode desembocar em várias correntes, com perspectivas únicas que ampliam as possibilidades da pesquisa em Geografia.

Assim, esse livro 'caminhada', aporta para que mais e mais pesquisas dessa Geografia transfronteiriça, sejam realizadas e que ponham a ciência geográfica em diálogo com várias áreas do conhecimento. Todas as considerações finais, não sinalizam para um fechamento das ideias, e isso é símbolo da energia dinâmica de oxigenação, com a qual se faz ciência. Os diálogos propostos no livro são fundamentais para uma Geografia que se pretende renovada e atenta as mudanças sociais pelo espaço que, assim como o conhecimento, está sempre a se construir.

Para amarrar a ideia do diálogo com as diversas áreas, traz-se uma citação do escritor italiano Italo Calvino, que dentre as suas “propostas para o próximo milênio” ele trata da multiplicidade, ou a importância da Literatura neste milênio, projetar um discurso agregador, complexo, abrangente e ao mesmo tempo objetivo. Se for possível trocar a Literatura por Geografia, o sentido em si, continua o mesmo, pois,

no momento em que a ciência desconfia das explicações gerais e das soluções que não sejam setoriais e especialísticas, o grande desafio para a literatura e o de saber tecer em conjunto os diversos saberes e os diversos códigos numa visão pluralista e multifacetada do mundo (CALVINO, 1990, p. 127).

Dessa forma, chama-se a todos os que constroem o pensamento geográfico contemporâneo, em suas pesquisas e análises, que meditem sobre o caráter fértil de fazer uma ciência múltipla em sujeitos, vozes e olhares sobre o mundo (CALVINO, 1990, p. 132). Fica a recomendação e o convite à uma leitura inspiradora, em todas as contribuições teóricas, fotografias, poesias e artes.

REFERÊNCIAS

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DOZENA, Alessandro (Org.). **Geografia e Arte**. Natal: Caule de Papiro, 2020.

Artigo recebido em: 25 janeiro de 2021

Artigo aceito em: 15 de março de 2021.

Artigo publicado em: 05 de abril de 2021.